ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA REDE ESTADUAL DE MATO GROSSO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Élidi P. Pavanelli Zubler (SEDUC/MT) – elidipavanelli@gmail.com
Moniky Liberto Calheiros (SEDUC/MT) – moniky-98@hotmail.com
GT 2 – EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Resumo:
A pós-modernidade já exigia muitas mudanças na educação, dentre elas a migração para o digital. Ainda assim, a escola se mostrava um pouco resistente, conservando práticas analógicas e *offline*. Porém, por ocasião da pandemia da Covid-19 anunciada no Brasil em março de 2020 as escolas paralisaram suas atividades e só puderam retornar fazendo uso de tecnologias digitais. No estado de Mato Grosso as aulas da rede pública ficaram suspensas de março a agosto, quando retornaram com o Ensino Remoto Emergencial (ERE) por meio de utilização de plataformas para aulas online. Diante desse cenário, este trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada por educadores e alunos da Escola Estadual Ênio Pipino de Sinop, a 500 km de Cuiabá, que assim como outras escolas teve muitos desafios e novas vivências. Como procedimentos metodológicos lançamos mão da pesquisa qualitativa, com abordagem interpretativista, em que as experiências relatadas foram coletadas por meio de formulários, documentações escolares, caderno de campo, diários reflexivos e gravações de reuniões realizadas entre a equipe escolar. Como resultados compreendemos que tivemos algumas mudanças no contexto escolar, na relação escola e comunidade, ampliação do uso de tecnologias digitais nas práticas pedagógicas e um possível redesenho do currículo escolar.
Palavras-chave: Tecnologias digitais. Ensino remoto emergencial. Rede pública estadual.

1 Introdução

A pós-modernidade já impunha muitas mudanças à sociedade, dentre elas a crescente e vertiginosa migração para o digital. A escola, ainda resistente a essas mudanças, se vê diante de uma pandemia que impõe sua adesão para continuidade das ações pedagógicas.

A pandemia da Covid-19 trouxe muitos desafios à sociedade, dentre eles a necessidade de distanciamento social, o que resultou em ações realizadas remotamente com suporte da tecnologia digital em rede. As escolas, com grande concentração de pessoas e de muito contato físico, fecharam suas portas e iniciaram os trabalhos de ensino de modo remoto. A educação básica da rede pública estadual de Mato Grosso paralisou suas atividades em março de 2020 e retornou com o ensino remoto emergencial (ERE[1]) em agosto de 2020. Celulares, antes considerados vilões nas escolas, passaram a ser ferramentas essenciais para a realização da conexão entre escola e comunidade.

[1] Essa foi a nomenclatura adotada pela Seduc MT nos documentos e orientativos oficiais a partir de julho de 2020.

Essa nova conjuntura exigia de professores e alunos novos letramentos que os habilitassem a enfrentar os desafios de desenvolver a aula não mais na sala de aula, entre quatro paredes, mas sim em contexto digital, com utilização de diferentes aparatos tecnológicos como notebook, celulares, microfones, *webcam*, ambientes virtuais de aprendizagens (AVA) entre outros.

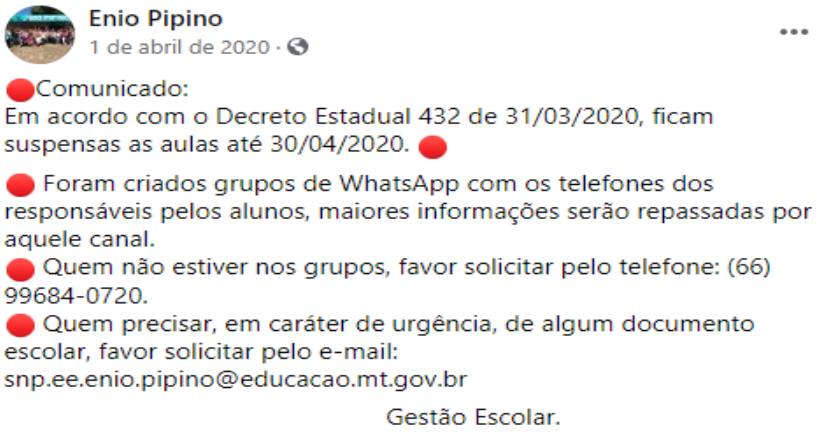
Esse foi o novo *modus operandi* desenvolvido nas escolas estaduais de Mato Grosso, dentre elas a Escola Estadual Ênio Pipino, localizada em Sinop, 500 quilômetros de Cuiabá. Nesse texto relatamos as experiências vivenciadas pelos educadores e alunos desta escola e apontamos para alguns desafios que foram se configurando no decorrer da experiência do ERE.

2 Contexto da Escola e Ensino Remoto Emergencial

A Escola Estadual Ênio Pipino está localizada no Setor Residencial Norte na cidade de Sinop, a 500 km da capital, Cuiabá. É uma escola centralizada, mas atende alunos da periferia e zona rural que utilizam o transporte escolar. A escola atende ensino fundamental final e ensino médio, com 40 turmas divididas em 3 turnos, totalizando 1370 alunos. Possui 16 salas, sala dos professores, sala de estudos, refeitório e quadra coberta. É um prédio bastante antigo, umas das primeiras escolas construídas em Sinop, que necessita de muitas reformas.

Em março de 2020 a escola estava em seu fluxo de trabalho, concluindo o primeiro bimestre quando a Secretaria Estadual de Educação (Seduc) de Mato Grosso suspendeu as aulas devido a pandemia de Covid19. Inicialmente tinha-se a impressão de que tudo voltaria ao normal em poucos dias, por isso não foram feitos encaminhamentos sobre a continuidades dos estudos. Veja abaixo a postagem nas redes sociais da escola:

Imagem 1


Enio Pipino
1 de abril de 2020 ·

🔴Comunicado:
Em acordo com o Decreto Estadual 432 de 31/03/2020, ficam suspensas as aulas até 30/04/2020. 🔴

🔴 Foram criados grupos de WhatsApp com os telefones dos responsáveis pelos alunos, maiores informações serão repassadas por aquele canal.
🔴 Quem não estiver nos grupos, favor solicitar pelo telefone: (66) 99684-0720.
🔴 Quem precisar, em caráter de urgência, de algum documento escolar, favor solicitar pelo e-mail: snp.ee.enio.pipino@educacao.mt.gov.br

Gestão Escolar.

Fonte: redes sociais da escola

A suspensão das aulas seguiu até julho de 2020 quando a Seduc, por meio de nota técnica, instituiu o retorno que foi nomeado de Ensino Remoto Emergencial (ERE), que previa utilização de ambiente virtual de aprendizagem para aulas online a partir de agosto.

3 Desafios e aprendizagens dos professores

Com o retorno anunciado, professores e gestores participaram de formações para aprender a utilizar a Plataforma Microsoft Teams escolhida pela rede para as aulas online. Assim, a partir daquele momento, reuniões, cursos e aulas não seriam mais presenciais e sim via plataforma.

Inicialmente, alguns servidores apresentaram dificuldade em entender a plataforma, tiveram problemas de conectividade e de equipamentos. Os professores passaram a trabalhar de suas casas, utilizando internet e equipamentos próprios, não havendo, naquele momento, contrapartida do estado.

As dificuldades quanto ao manuseio dos equipamentos e da plataforma também eram grandes, pois quando se está fisicamente na escola é possível recorrer aos colegas, mas em casa, nem todos têm alguém para ajudar. Parecia incoerente: precisar utilizar a plataforma para acessar o curso ministrado pelo Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação (Cefapro) que iria ensinar como utilizá-la. Essa plataforma é avaliada como bastante completa, isso a torna um pouco complexa. As semanas de estudos foram bastante tensas: novas aprendizagens, insegurança, prazos, pouca informação de como ocorreria na prática.

Os professores tiveram 15 dias para participar da formação. Depois disso, passariam a utilizar a plataforma e após uns 20 dias iniciariam outra formação que orientava sobre o planejamento das aulas remotas.

Como assim? Aprender a utilizar uma plataforma em 15 dias? Voltar às aulas sem ter discutido sobre o planejamento? Se nós tivemos dificuldades em aprender, imaginem os alunos? Quais são as metodologias mais adequadas? Como fazer esse aluno aprender estando distante? Essas foram algumas indagações presentes nas reuniões pedagógicas e na formação que ocorreram pelo Teams. Parece que vivenciamos aí, um período como muito bem definido por Santos et al (2021. p. 25) como o "*espaçotempo* de uma certa resistência e euforia por aprendizagens conceituais e práticas para o fazer docente mediado pelo digital em função da ruptura da presencialidade".

4 Desafios e aprendizagens dos alunos

Para o retorno das aulas com os alunos foram organizados grupos no aplicativo *WhastApp*. A gestão escolar criou grupos por turma e adicionou professores, pais e alunos. Os recados e combinados eram feitos por lá.

As primeiras semanas de aula eram para interação, para compreender como tudo iria funcionar, conhecer a plataforma, fazer cadastro do e-mail etc. Alguns alunos interagiam com facilidade, dando devolutivas aos professores e auxiliando os colegas. Outros não davam retorno, não respondiam as mensagens e também não enviavam atividades. Nesse momento a gestão e professores iniciaram o contato via ligação telefônica para saber o que ocorria. Alguns dos problemas relatados foram: dificuldade em utilizar as tecnologias digitais, ausência de equipamentos e internet, aluno que precisava cuidar de irmãos menores que estavam sem aula também e falta de motivação e interesse.

Assim como De Paula *et al* (2021) apontaram em seu relato de experiência, evidenciamos a exclusão digital de muitos professores, alunos e famílias sem acesso tecnologias digitais e internet, o que nos leva a reflexão sobre a importância de garantir o acessa a essa parcela da desses "artefatos tecnológicos digitais, como artefatos culturais do nosso tempo, interfaces e redes de comunicação mediadoras dos processos de interação entre as pessoas, em seus cotidianos de ensino e aprendizagem escolares e nas práticas sociais. (DE PAULA *et al*, 2021, p. 67).

5 Desafios quanto a organização da gestão escolar

Nos primeiros meses seriam utilizadas, como material didático, as apostilas elaboradas pela Seduc e disponíveis em http://www.aprendizagemconectada.mt.gov.br/, depois da formação os professores passariam a elaborar suas próprias apostila. Neste momento a Seduc não autorizou a entrega e utilização dos livros didáticos aos alunos, com a justificativa de que os livros não estavam alinhados à Base Nacional Comum Curricular e que não haviam cópias suficientes a todos os alunos.

Estar na gestão escolar no início da pandemia não foi tarefa fácil. Aos gestores couberam algumas ações como: i) zelar pelo patrimônio da escola, que agora estava vazio, mas precisava ser cuidado, conservado e preparado para um possível retorno das aulas; ii) identificar a situação de cada servidor e providenciar para que realizasse suas ações remotamente. iii) criar e organizar os grupos de WhatsApp de pais, alunos e professores;

iv) realizar a impressão de material impresso para os alunos que não tinham acesso a internet; v) entrega de cestas básicas e; vi) atendimento aos pais e comunidade quanto a matrícula e transferência de alunos.

6 Considerações finais

Apresentamos neste relato apenas uma pequena parte do que vivenciamos com ensino remoto emergencial. Muitos outros relatos podem surgir a partir deste que abordem sobre o trabalho do professor com as aulas online, a aprendizagem dos alunos, os recursos tecnológicos utilizados, entre outros.

Compreendemos que o ERE exigiu de gestão, professores, alunos e pais novas aprendizagens quanto ao uso de tecnologias digitais, também mostrou a exclusão tecnológica e o modo como nossa educação se estrutura onde não cabe ao aluno muita autonomia de estudos.

Durante o ano de 2020 os educadores tiveram que improvisar com o que tinham de equipamentos eletrônicos em casa, apenas em 2021 retornaram a escola, onde foi instalada internet cabeada, receberam um recurso da Seduc para compra de um notebook e custeio de internet no celular.

Alguns dos desafios aqui apresentados ainda nos parecem latentes no cotidiano escolar. Compreendemos que as experiências aqui relatadas não estão prontas e acabadas, pois ainda estamos vivenciando as mudanças impostas à educação pela pandemia, mas a atividade de registro e reflexão aqui realizada pode contribuir para uma reavaliação, reflexão e readaptação das práticas pedagógicas de nossa escola.

Referências

SANTOS, Edmea; RIBEIRO, Mayra; FERNANDES, Terezinha. Ciberformação docente em contexto de pandemia: multiletramentos críticos em potência. In: FRANK KERSCH, Dorotea. **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. p. 23 - 36.

DE PAULA, Marta Conceição; HAYASHI. Mariana Hannae; CORONEL, Renata Martins; FERNANDES. Terezinha. A emergência da educação on-line no contexto pandêmico: potencialidades para o desenvolvimento de letramentos digitais. In: SOUZA, Bartolomeu José Ribeiro. **Um tsunami na educação? Múltiplos olhares sobre a educação básica na pandemia.** Londrina, Editora Científica, 2021. p. 49-71.